

O PROFESSOR E A PONTE: REFLEXÃO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR A PARTIR DA METÁFORA DE UM CONTO DE FRANZ KAFKA

Dra. Vanessa de Souza Vieira  0000-0003-3023-5612

Universidade Estadual de Goiás

Monike Gomes  0000-0003-3010-185X

Universidade de Brasília

RESUMO: O objeto desse ensaio crítico é discutir por meio de uma metáfora o papel do professor como mediador pedagógico. A metáfora será construída a partir do conto “A Ponte” de Franz Kafka. O tema que pretende-se explorar como fato gerador de uma discussão que contemple o diálogo com um conto de Franz Kafka e com obras de outros autores é sobre a atuação do professor em sala de aula, suas primeiras experiências docentes. Para tal, o

cenário apresentado é baseado em minha própria formação e experiência como egressa de um curso de licenciatura em Ciências Biológicas e novata na escola. No primeiro momento do texto será apresentado o conto de Kafka e uma situação real, buscando os elementos correspondentes entre os dois. No segundo momento refletiremos sobre as relações estabelecidas e o papel do professor de ciências enquanto mediador pedagógico.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora; Papel do Professor; Franz Kafka.

THE TEACHER AND THE BRIDGE: REFLECTION ON THE TEACHER'S OF SCIENCES/BIOLOGY ROLE FROM THE METAPHOR OF A TALE BY FRANZ KAFKA

ABSTRACT: The object of this critical essay is to discuss in a metaphor the role of the sciences teacher as a pedagogical mediator. The metaphor will be built from the short story "The Bridge" by Franz Kafka. The theme that is intended to be explored as a generator of a discussion that contemplates the dialogue with a short story by Franz Kafka and works by other authors is about the performance of the teacher in the classroom, his first teaching experiences.

For this, the scenario presented is based on my own training and experience as a graduate of a degree in Biological Sciences and freshman in school. In the first moment of the text will be presented the story of Kafka and a real situation, searching for the corresponding elements between the two. In the second moment we will reflect on the relationships established and the role of the science teacher as pedagogical mediator.

KEYWORDS: Metaphor; Role of the Professor; Franz Kafka.



1 APRESENTAÇÃO

O objetivo deste ensaio é discutir por meio de uma metáfora o papel do professor como mediador pedagógico. A metáfora será construída a partir do conto “A Ponte” de Franz Kafka.

Kafka nasceu em Praga na República Checa em 1883, foi escritor e fazia parte da Escola de Praga. Sua criação artística tinha uma grande atração pelo realismo, uma inclinação à metafísica e uma síntese entre uma racional lucidez e um forte traço irônico. Além disso, suas obras estão totalmente relacionadas com a condição do ser humano moderno; o trabalho kafkiano é direcionado para coisas como a opressão burocrática das instituições, a "justiça" e a fragilidade do homem comum frente a problemas cotidianos (FRAZÃO, 2016).

O tema que pretende-se explorar como fato gerador de uma discussão que contemple o diálogo com um conto de Franz Kafka e com obras de outros autores é sobre a atuação do professor em sala de aula, suas primeiras experiências docentes. Para tal, o cenário apresentado é baseado em minha própria formação e experiência como egressa de um curso de licenciatura em Ciências Biológicas e novata na escola.

No primeiro momento do texto será apresentado o conto de Kafka e uma situação real, buscando os elementos correspondentes entre os dois. No segundo momento refletiremos sobre as relações estabelecidas e o papel do professor de ciências enquanto mediador pedagógico.



2 DO CONTO À REALIDADE: TECENDO AS RELAÇÕES

Figura 1: Representação do conto A ponte de Fraz Kafka por Danilo Rodrigues.



Fonte: KAFKA, 2011.

Eu era rígido e frio, eu era uma ponte estendido sobre um precipício. Aquém estavam as pontas dos pés, além, as mãos, encravadas; no desmoronante lodo agarrei-me com os dentes, as pontas do meu casaco balançavam aos lados do meu corpo. Embaixo, lá no fundo, o rumor de um gelado riacho cheio de trutas. Nenhum turista se perdera até aquelas alturas inacessíveis, sequer a ponte estava ainda em algum mapa. - Assim estava eu e esperava; devia esperar. Sem que desabe no vazio, uma ponte uma vez construída não pode deixar de ser ponte (KAFKA, 2011, s/p).

Durante o curso de licenciatura os professores em formação inicial são preparados para atuarem em sala de aula. São disciplinas como Didática, Psicologia da Educação, Avaliação, Currículo e Aprendizagem, Estágios Supervisionados, Planejamento Educacional, entre outras. No curso de formação, os futuros professores vão conhecendo o universo da discussão pedagógica e criando expectativas quanto a sua atuação docente.

Nos inúmeros debates em sala de aula a crítica ao modelo educacional vigente, pelo qual passaram durante o ensino fundamental e médio, vira clichê, vira senso comum. São recorrentes frases do tipo: “o professor deve ser mediador



do conhecimento, o professor deve estar capacitado para formar um cidadão crítico, reflexivo, capaz de opinar e participar das tomadas de decisões relevantes para a sociedade”; “o professor deve utilizar estratégias didáticas diferenciadas para despertar o interesse do aluno”.

Tais afirmações não estão erradas, mas cria-se a expectativa é que o professor que dali sairá entrará na escola e revolucionará o ensino, mudando os alunos, a escola e a sociedade! A cada novo texto lido e discutido vai ganhando mais confiança em julgar o papel do professor e indicar métodos infalíveis para se ensinar corretamente.

O professor é comparado à ponte, ele deve ser o elo entre a ignorância e o conteúdo. Muitos licenciandos acreditam que o professor é o centro do processo de ensino e aprendizagem, então se prepara como ponte, como conexão, sem o qual o aluno não poderá sair de uma localização inicial: a ignorância.

O professor (o personagem ponte, no conto) rígido e frio, ou seja, engessado pelas fórmulas que acredita ser infalíveis, agarra com os unhas e dentes o conhecimento que considera como verdadeiro, como legítimo. Embaixo da ponte está um riacho cheio de pedras e habitado por trutas (peixes carnívoros), a ponte deve impedir que o caminhante caia no riacho.

O fundo do riacho é o destino que o professor deve poupar seu aluno. No fundo do riacho há pedras, há trutas, ou seja, cair é letal. Em outras palavras o professor deve poupar seu aluno de uma vida ignorante, pois sem a ponte o destino é a morte intelectual, é o fim da esperança de conhecer, de aprender.

O professor está vestindo um casaco, uma proteção pela qual esconde sua nudez e pela qual o caminhante entra em contato pela planta dos pés. O casaco representa as teorias aprendidas, as técnicas didáticas, por meio delas o professor tenta conduzir os estudantes seguramente de uma margem a outra.

Entretanto, a ponte ainda não estava no mapa, poderia o viajante passar por ela? O professor recém-formado não tem experiência, poderia o aluno confiar em seus ensinamentos? Mas é preciso esperar, uma ponte uma vez construída



não deixa de ser ponte: de um profissional licenciado, não se pode esperar menos de que saiba ensinar.

Certa vez, era pelo anoitecer - o primeiro, o milésimo, não sei -, meus pensamentos se moviam sempre em confusão e sempre em círculo. Pelo anoitecer no verão o riacho sussurra mais escuro - foi então que ouvi o passo de um homem! Vinha em direção a mim, a mim. - Estenda-se, ponte, fique em posição, viga sem corrimão, segure aquele que lhe foi confiado. Compense, sem deixar vestígio a insegurança do seu passo, mas, se ele oscilar, faça-se conhecer e como um deus da montanha, atire-o à terra firme... (KAFKA, 2011, s/p).

Pois bem, depois de quatro ou cinco anos de “treinamento”, diploma na mão. A universidade atesta: estes estão prontos para ser ponte, estão prontos para ensinar aqueles que não sabem. O recém-licenciado pensa: “Vou fazer a diferença!” Aprendeu como se faz com melhores professores, na melhor universidade.

Consegue a duras penas ser contratado em uma escola particular. “É o momento de colocar em prática tudo que aprendi” - pensa com confiança. Mesmo que ainda não tenha convicções de sua identidade docente, mesmo que seu pensar vá sempre em confusão, sempre em círculos.

Primeiro dia de aula, - “estenda-se, ponte, fique em posição!” - Vai bem vestido, entra com expressão amigável, fala “bom dia” e espera aquele “Bom diaaa” em coro. Pois bem, é hora de declamar aquele texto inicial do currículo lattes e impressionar os alunos.

“Compense, sem deixar vestígio a insegurança do seu passo, mas, se ele oscilar, faça-se conhecer e como um deus da montanha, atire-o à terra firme” – Passe segurança aos alunos ao expor suas titulações e faça-os saber que você sabe o conteúdo e que por isso não devem se preocupar, pois também saberão e no final do ano serão aprovados. É neste momento que sua arquitetura e firmeza devem impressionar.

Ele veio, a golpear-me com a ponta da bengala, assim a erguer as pontas de meu casaco, arrumadas sobre mim. Com a ponta andou entre meus



cabelos em cachos e ficou longo tempo por perto, a olhar ao redor com possíveis olhares insanos e selvagens. Mas então, - quando eu sonhava com montanhas e vales, - ele saltou com ambos os pés sobre a metade do meu corpo. Num estremecer, em meio a dor selvagem, quase inconsciente. Quem era a pessoa? Uma criança? Um sonho? Um vagabundo? Um suicida? Um tentador? Um destruidor? E voltei-me para vê-lo. A ponte dar uma volta! Não me voltara ainda, e caí logo, desabei, e logo estava em pedaços caído nos rochedos pontiagudos que antes haviam me olhado pacificamente lá debaixo nas águas velozes (KAFKA, 2011, s/p).

A cada aula tenta colocar em prática estratégias diferentes como músicas, aulas práticas e vídeos e busca na expressão dos alunos a aprovação desses métodos de ensino. Explica no quadro a matéria, faz a resolução dos exercícios. Sempre pergunta se há alguma dúvida, torcendo para que não, porque aquele conteúdo está confuso até para si. Não há dúvidas, sem questionamentos, tem sorte.

“Ele veio, a golpear-me com a ponta da bengala, assim a erguer as pontas de meu casaco, arrumadas sobre mim” - A cada dia a frustração de não sentir que está ensinando e que os alunos estão aprendendo aumenta e isso é reforçado pelas notas: péssimas! Seria o casaco seguro, ou seja, as teorias seriam confiáveis?

“Com a ponta andou entre meus cabelos em cachos e ficou longo tempo por perto, a olhar ao redor com possíveis olhares insanos e selvagens” - A falta de resultados positivos vai fazendo surgir o medo, a insegurança. A confiança creditada no saber adquirido na universidade, vai dando lugar a preocupação de ser descoberto como frágil. Os alunos que antes pareciam domináveis são agora os algozes de sua trajetória. Isto porque a cada sinal de instabilidade, sua autoridade diminui e sua reputação, a qual acredita que precisa cuidar, é depreciada em público.

“Mas então, - quando eu sonhava com montanhas e vales, - ele saltou com ambos os pés sobre a metade do meu corpo” – É chegado o fim do semestre. A esperança é que no próximo ano consiga se sair melhor. Mas então a



coordenadora a chama para conversar: Você não tem o perfil da escola. Os alunos não entendem o que você explica. Infelizmente está demitida.

“Num estremecer, em meio a dor selvagem, quase inconsciente. Quem era a pessoa? Uma criança? Um sonho? Um vagabundo? Um suicida? Um tentador? Um destruidor?” - Se instala, então, a crise: escolhi a profissão errada? Não sei ensinar? Não sou professora? Não sou boa o suficiente? Para quê sirvo? Não sou ponte? De quem é a culpa? Do aluno? Da Universidade? Da escola? Da humanidade?

“Não me voltara ainda, e caí logo, desabei, e logo estava em pedaços caído nos rochedos pontiagudos que antes haviam me olhado pacificamente lá debaixo nas águas velozes” – Tudo que acreditou ser a verdade, agora desaparece. Desabar é a constatação de que aquilo se pensava ser (ponte) não faz sentido. Assim, é tomado pelo temor do desconhecido, da comprovação de que nada sabe. Caiu-se no riacho da ignorância, da incerteza.

No conto de Kafka a ponte está esperando ansiosamente o momento de ser utilizada, de se sentir útil. Espera por algum tempo e quando vê a sua chance de ser elo para alguém se prepara, firma suas extremidades. Mas quando finalmente o viajante a pisa para travessia, algo sai errado, ele a destrói, ela desaba. O conto é um misto de pavor e frustração.

3 PONTE NÃO, HOMEM É QUE SOIS

Na situação relatada o professor tem expectativas quanto a sua atuação docente, está ansioso para colocar em prática tudo o que aprendeu no curso de licenciatura. Quando finalmente consegue um emprego se depara com os obstáculos que frustram seus objetivos e, além disso, é considerado inapto para a vaga, o que pode gerar também sentimento de medo e fracasso.



Entendemos que o professor, o aluno e a escola são três elementos que constituem uma tríade com relações interdependentes, no entanto para este trabalho focaremos no papel do professor.

No contexto escolar é comum a atribuição de superioridade ao professor. Superioridade no sentido de ser considerado o detentor do conhecimento. Assim, o que e como o professor ensina, muitas vezes, é tido como verdade inquestionável.

De fato, o professor tem um preparo acadêmico para atuar como docente e que sabe sobre o conteúdo de sua área mais do que os alunos, mas queremos levantar aqui, apoiando na obra de Rancière “O mestre ignorante”, uma discussão sobre esse lugar onde o professor e suas práticas tem sido colocados.

Rancière (2004) conta a história de um professor, Joseph Jacotot, que se viu em meio a uma crise existencial docente. Ao propor a leitura de um texto em outra língua para seus alunos decodificarem, observou que não só aprenderam a outra língua (francês) como também compreenderam as ideias contidas no texto. Então surge o questionamento: se o aluno consegue aprender sozinho, qual é minha função enquanto professor?

Há uma ideia que o professor é o intermediador do conhecimento, que o professor é o que vai explicar ao aluno aquilo que, supostamente, não dá conta de compreender sozinho. A partir de uma nova perspectiva, a da emancipação, começa-se a compreender que a explicação é um procedimento embrutecedor, ou seja, quando o mestre explica, ele direciona o raciocínio de seu aprendiz para um viés, um viés carregado com suas concepções, suas visões de mundo. Então, o aprendiz passa a pensar com o pensamento do mestre, acomoda-se em repetir o raciocínio do outro (RANCIÈRE, 2004).

O professor Jacotot se vê diante de uma necessidade de mudança de prática docente. Passa, então, a não explicar, mas a “forçar” o aluno a utilizar o que já sabe para, a partir daí, construir um novo conhecimento. Nesta perspectiva emancipatória, o mestre não precisa saber mais do que seu aluno,



considera mais proveitoso que o professor atue no direcionamento para a curiosidade e no suporte na busca do aprender, podendo assim, aprender juntos, coisas iguais ou diferentes.

Para Rancière (2004) “o princípio da desigualdade [entre mestre e professor], o velho princípio, embrutece não importa o que se faça; o princípio da igualdade, o princípio de Jacotot, emancipa qualquer que seja o procedimento, o livro, o fato ao qual se aplique” (p, 50). O princípio da igualdade está relacionado a igualdade de inteligências, ou seja, um aluno pode ter o mesmo potencial intelectual que seu mestre, cai, assim, a distância estabelecida pela hierarquização baseada no pressuposto que o este possui mais inteligência que aquele.

A proposta de Jacotot é que o aluno já tem um conhecimento e deve partir dele para se alcançar outros. A vivência no mundo lhe proporcionou uma saber, que ele talvez não tenha consciência disso, mas que aprendeu sozinho, sem explicação. Se um aluno não sabe ler, ele sabe o som das palavras e partir de um texto, como por exemplo, a oração “pai nosso” ele pode ir atribuindo significados as letras, as frases, e aprendendo a identificar as palavras em outros lugares, em outros textos (RANCIÈRE, 2004).

A principal mensagem de Rancière (2004) é que a concepção do professor enquanto explicador de conteúdo precisa ser superada. Um explicador é aquele que irá traduzir ao aluno o que está contido no livro. O próprio livro tem um raciocínio explicativo, então o professor irá explicar por meio do seu raciocínio o raciocínio do livro, assim o aluno não terá chance de compreender aquele conteúdo de forma própria, seu papel se limita a aceitar e guardar o raciocínio do explicador. Ao proceder assim retira-se o direito de interpretação do aluno, está atestando que ele não consegue produzir suas próprias conclusões, terceiriza-se o pensamento do estudante.

Voltando ao conto de Kafka, constatamos que o professor enquanto ponte é o mestre explicador. A ponte é “facilitadora”, seu objetivo é que o caminhante



tenha o mínimo esforço para passar de uma margem a outra, assim como o professor explicador trabalha para que seu aprendiz não precise fazer grandes esforços para compreender o conteúdo.

É preciso pensar na relação professor-aluno-conhecimento de uma forma mais dinâmica, onde há maior interação. O processo de aprendizagem se dá mais pela interação, pelas relações interpessoais do que pela mera transmissão. Para Tunes, Tacca e Junior (2005), “um grupo de alunos e seu professor estão mergulhados em diferentes possibilidades interativas” (p.2). Sob esta óptica, a palavra-chave no processo de ensinar e aprender é interação e não mais condução ou intermediação.

Na perspectiva da atuação como ponte, o professor projeta sua aula conforme acha adequado, baseado em que considera ser a melhor metodologia. Já na perspectiva da interação, o professor deve partir do aluno, “pois sabe o professor que os métodos são eficazes somente quando estão, de alguma forma, coordenados com os modos de pensar do aluno” (TUNES, TACCA e JUNÍOR, 2005, p. 3). Então, a forma como o docente pensa a aula deve estar diretamente relacionado ao modo como estudante pensa, isso implica dizer que antes de ensinar deve-se compreender como o aluno aprende.

Baseados na ideia do ensino construído pela relação entre professor e alunos e na concepção de Vigoski que educar é nutrir possibilidades relacionais, Tunes, Tacca e Júnior (2005) questionam a concepção de mediação pedagógica como papel do professor, ao pensar a atividade docente na perspectiva histórico-cultural:

Se, no processo do ensinar e do aprender, o aluno sempre se antecipa como oferta, na situação dialógica, interferindo efetivamente com restrições nas possibilidades de ação do professor, este não passa “em brancas nuvens” pela relação. Logo, não pode ser concebido como um mero elo intermediário, um negociador que, em princípio, permaneceria o mesmo pós-negociação. Nem o aluno, nem o professor são os mesmos depois do diálogo (p. 7).



Para os autores a função mediadora é instrumental e não pode ser resumida como única atividade do professor. Embora o professor estabeleça certa mediação, isto não é o primordial, pois “o professor é uma pessoa vulnerável à alteridade do aluno” (idem, p. 7). Assim, o processo de ensino e aprendizagem se constitui em uma ação conjunta, que deve ser desenvolvida com parceria, na qual o aluno é o condutor principal.

Pela perspectiva da interação o professor não é ponte, mas Homem e como tal estabelece sua história por meio da relação e do diálogo com o mundo e com os outros. A prática docente deve ser pensada, então, como dinâmica.

Surge a necessidade de se pensar, então, na formação de professores, em especial a formação de professores de ciências/biologia. O modelo em que os professores estão sendo formados é um modelo baseado na lógica reprodutivista. Os futuros docentes chegaram à universidade e são bombardeados com inúmeros conteúdos entre conceitos, leis e teorias. O êxito se dá, muitas vezes, quando o graduando consegue reproduzir nas provas e trabalhos da forma mais semelhante possível o que lhe foi transmitido.

Na universidade a figura do professor como superior e inatingível é aumentada pela vaidade das conquistas como pesquisador. Os alunos que escolhem a docência e a carreira acadêmica tem esses professores como inspiração. É aí que chegam na escola ou até mesmo no ensino superior dispostos como pontes, como mestres explicadores, na posição de desigualdade em relação ao aluno.

É ingênuo afirmar que a mudança se dará só por meio da escola ou da universidade, bem sabemos que o sistema educacional e suas nuances é complexo, permeado por aspectos sociais, políticos e econômicos. Mas a esperança se faz quando o professor, em qualquer nível de ensino, toma consciência de que não é ponte e faz do diálogo e da interação estrutura da sua prática educativa.



REFERÊNCIAS

FRAZÃO, D. Biografia de Franz Kafka. **Ebiografia**, 2016. Disponível em: https://www.ebiografia.com/franz_kafka/. Acesso em Out de 2021

KAFKA, F. A Ponte. In: **Franz Kafka Essencial**. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2011. Disponível em: <http://leoleituraescrita.blogspot.com/2010/06/ponte-die-brucke-kafka.html>. Acesso em Out de 2021.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 140-190

TUNES, E.; TACCA, M. C. V. R. e BARTHOLO, R. O professor e o ato de ensinar. **Cadernos de Pesquisa**, Fundaç.

Recebido em: 07-10-2021

Aceito em: 04-07-2022

